



Introdução à filosofia enquanto busca pela essência do homem

Renato Kirchner*
Doutor em Filosofia -

*Saltar só pode quem toma o impulso devido.
É nesse impulso que tudo se decide.*
Martin Heidegger

Resumo: Este artigo tem por objetivo provocar uma reflexão a respeito do modo mais apropriado de nos introduzirmos ou sermos introduzidos na filosofia. O direcionamento adotado provém do modo de pensar – sempre original e, por isso mesmo, provocativo – do filósofo e pensador Martin Heidegger. Nesse sentido, serão desenvolvidos os seguintes tópicos: filosofar como saltar, filosofar como interessar-se, filosofar como filosofar, objetivando alcançar uma compreensão do filosofar enquanto busca pela essência do homem.

Palavras-chave: Saltar. Interessar-se. Filosofar. Essência do homem.

Abstract: This article aims to provoke a reflection on the most appropriate way of introducing or being introduced in philosophy. The direction comes from the adopted way of thinking – always unique and, therefore, provocative – from the philosopher and thinker Martin Heidegger. Accordingly, the following topics will be developed: philosophize like jump, philosophize as be interest, philosophize as philosophize, aiming to achieve an understanding of philosophy as a search for the essence of man.

Keywords: Jump. Be interest. Philosophize. Essence of man.

É possível que já se tenha tornado comum que a filosofia heideggeriana volta-se continuamente para uma mesma e antiga questão: *a questão pelo sentido do ser!* De fato, é para a gravidade desta questão que Heidegger incessantemente retorna, vale dizer, ele mesmo é continuamente atraído e arrastado pela e para a força que anima e sustenta esta única e fundamental questão. Assim, falar de introdução à filosofia, a partir de Heidegger, implica deixar introduzir-nos pelo *pathos*, pela força e, nesse sentido, pela própria questão primordial de todo e qualquer modo de ser da existência humana.

* Professor em cursos de graduação e pesquisador do mestrado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: renatokirchner@puc-campinas.edu.br.

Embora pareça contraditório, convém partir inicialmente de uma passagem da apresentação à edição brasileira de *Introdução à metafísica*, onde Emmanuel Carneiro Leão apresenta algumas razões pelas quais a obra heideggeriana não é uma obra de fácil introdução:

“A primeira é muito simples e por isso mesmo difícil de se compreender. Em filosofia não há possibilidade de introdução. Um abismo separa o espaço ordinário da existência, em que se move tanto o modo de ser habitual, familiar e imediato da vida cotidiana, como o modo de ser objetivo, técnico e exato da vida científica, do espaço extraordinário, em que se agita a investigação filosófica. [...] A filosofia já está sempre operando em todo pensamento, que nela se procura iniciar e introduzir. O único caminho ainda possível é um retorno brusco da existência à sua origem”¹.

Filosofar como saltar

Na intenção de vislumbrar, de saída, este “único caminho ainda possível” enquanto “retorno brusco da existência à sua origem”, vejamos uma passagem – agora do próprio Heidegger – do livro *O que quer dizer pensar?*:

“O que quer dizer pensar? O que ‘quer dizer’ nadar, por exemplo, não conhecemos através de um tratado do que seja nadar. O que quer dizer nadar só é possível dizer quando saltamos para dentro do rio. A pergunta ‘o que quer dizer pensar?’ não se deixa responder de maneira alguma pelo que é possível apresentar numa determinação conceitual sobre o pensar – numa definição – ou que diligentemente ampliemos seu conteúdo. No que segue nós não pensamos *sobre* o pensar. Nós permaneceremos mesmo afastados da mera reflexão que transforma o pensar em seu objeto. Grandes pensadores – primeiramente Kant e depois Hegel – conheceram a esterilidade da mera reflexão, pois tiveram de experimentá-la, refletindo-a e superando-a”².

Não devemos deixar enganar-nos com a aparente simplicidade do exemplo usado por Heidegger para mostrar como se dá o acesso ao pensamento *enquanto salto*. Acessar certamente não significa pôr a mão na maçaneta, abrir a porta e entrar. É que no pensamento

¹. Emmanuel Carneiro Leão, “Itinerário do pensamento de Heidegger”, em *Aprendendo a pensar* (vol. 1), 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1991, p. 107-108.

². Martin Heidegger, *Was heißt denken?*, Tübingen, Max Niemeyer, 1954, p. 9. (Tradução nossa.)

não há portas, janelas ou escadas de acesso. Todo e qualquer acesso só é possível e se dá através de um salto, isto é, *de repente, de chofre, num sopapo*³.

Entretanto, em que sentido, então, devemos entender salto aqui? Salto “de onde para onde”? Esta já é, na verdade, uma maneira de perguntar inadequada e imprópria, na medida em que não há propriamente uma passagem de um lugar para outro, de um lado para outro, de uma situação para outra. Ou seja, não há de onde para onde, caso se compreenda a palavra saltar em sentido físico-espacial. Salto quer dizer aqui um determinado *modo de ser* em que é preciso *já-ser-em*, sendo necessário dar um passo para trás, isto é, distanciar-se adequadamente para poder ver o que precisa ser visto com precisão⁴.

Ainda assim insistamos: mas que significa mesmo passo para trás? Significa potenciação de nossa real possibilidade de salto se deixar fazer e poder tornar-se salto, uma vez que, para saltar, é preciso *tomar o impulso devido*, isto é, é preciso estar na *devida disposição* para uma real possibilidade que é, ao saltar, *já ser nisso em que se pretende saltar*⁵. Isso significa que *saltar implica já-ser-em*⁶, vale dizer, já estar numa determinada *perspectiva de ser*.

Todavia, ainda assim, uma questão nos inquieta sempre de novo: *como é isto – saltar?* Dizíamos que saltar é dar um passo para trás e tomar o impulso devido, ou seja, o passo para

³. Oportuno aqui, a fim de refletir devidamente a respeito do modo de acesso ao pensamento, vem expresso por Leibniz em sua *Monadologia*. Mônada é – segundo ele – “apenas uma substância simples que entra nos compostos. Simples, quer dizer: sem partes” (cf. § 1). Assim, por serem as mônadas “os verdadeiros átomos da natureza”, “os elementos das coisas” (cf. § 2), elas devem ser vistas e compreendidas como tais. Segundo Leibniz: “As mônadas não têm janelas por onde qualquer coisa possa entrar ou sair” (cf. § 7) (cf. Gottfried Wilhelm Leibniz, *Os princípios da filosofia ditos a monodologia*, São Paulo, Abril Cultural, 1974, p. 63). Cf. também “Sobre a última preleção de Marburgo (1928)” (Martin Heidegger, *Marcas do caminho*, Petrópolis, Vozes, 2008, p. 89-112).

⁴. O grego experimentou isso como *admiração* ou *espanto*. Cf. comentários a respeito em Marcia Sá Cavalcante Schuback, *O começo de deus*, Petrópolis, Vozes, 1998, p. 10-11 e Arcângelo R. Buzzi, *Introdução ao pensar*, 24. ed., Petrópolis, Vozes, 1997, p. 166-169.

⁵. Para definir o significado primordial do que seja salto, Heidegger emprega a expressão “den rechten Anlauf nehmen”, isto é, “tomar o impulso devido”, pois somente assim é que salto se decide como salto (cf. Martin Heidegger, *Introdução à metafísica*, 2. ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, p. 197; na edição alemã: Martin Heidegger, *Einführung in die Metaphysik*, Tübingen, Max Niemeyer, 1987, p. 134).

⁶. Segundo Heidegger, “‘em’ deriva de *innan-*, morar, habitar, deter-se; ‘an’ significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa; possui o significado de *colo*, no sentido de *habito* e *diligo*. O ente, ao qual pertence o ser-em, nesse sentido, é o ente que sempre eu mesmo sou” (cf. Martin Heidegger, *Ser e tempo*, Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2006, § 12, p. 100).

trás *já é o próprio salto*, e é nele que o salto se decide *como tal*. Não há salto sem este impulso devido. O impulso devido implica já se descobrir na condição de ser sob um modo de ser. Porém, *estranhamente*, é dessa força que provém todo e qualquer impulso. Nós a chamamos *vida* – minha vida, tua vida, enfim, a *circunstância vital* de cada ser humano, como expressou reiteradas vezes Ortega y Gasset⁷.

Diante disso, podemos agora perguntar: o que significa, então, passo para trás em relação à vida? Primeiramente, não significa “parada”, melhor, “suspensão” *da vida*, interrompendo, por assim dizer, o fluxo contínuo do que vai natural e espontaneamente, como se progredisse, sem parar, para frente e por si mesmo e, assim, *ad infinitum*. Paradoxalmente, porém, é preciso reconhecer e admitir que passo para trás não significa regresso a uma situação já vivida para nela se fixar ou ficar a deleitar-se nela saudosistamente. É que toda e qualquer possibilidade de regresso parte necessariamente de um aqui e agora factualmente determinado e, nesse sentido, todo e qualquer regresso ao passado é já sempre um *estranho distanciamento*, digamos mesmo, um *estranho desprendimento* em busca de uma nova apreensão compreensiva. Ou seja, seria já uma tentativa de *reatar-se com* o que passou. A memória, por exemplo, revela-nos uma estranha copertinência à vida do passado. Neste caso, passado nunca é algo meramente passado e para sempre perdido, mas uma condição vital em que, *sempre de novo*, esquecendo e remembering, a vida se mantém e perpetua. Saltar implica então assumir plena e radicalmente nossa própria possibilidade, o modo de ser no qual *já sempre somos, vigimos e agimos*, por mais insignificante e anódino nosso cotidiano possa parecer à primeira vista.

Todavia, o que é este recuo que, ao distanciar-se, se apropria do passado, da vida que contínua e ininterruptamente passa? Ora, de um modo geral, nossa vida é determinada pelo que vai por si, pelo que flui naturalmente, isto é, “automática e espontaneamente”. Mas quer isso dizer que vida é *essencialmente* vida só e unicamente por causa deste fluir por si natural, automático e espontâneo? Não! O que faz com que vida seja vida é justamente que este fluxo natural, automático e espontâneo possa ser interrompido, quebrado, alterado, modificado,

⁷. José Ortega y Gasset, *El hombre y la gente*, 4. ed., Madri, Revista de Occidente, 1964, p. 145. Cf. também José Ortega y Gasset, *Que é filosofia?*, Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano, 1961.

enfim, que vida possa ser refeita de uma maneira totalmente nova, visceralmente nova. É por isso que saltar não significa fugir de nossa condição primordial de ser, mas é justamente um modo radical que, ao recuar, distancia-se dessa mesma condição para dela se apropriar adequadamente, sendo, então, um modo ou jeito especial de acesso a ela.

Contudo, *como* se dá tal acesso? Ora, isso pode dar-se de muitos e diversos modos, mas sempre sob e a partir de uma maneira bem determinada. Isso pode dar-se inicialmente sob um modo de estranheza diante daquilo que supúnhamos saber e que, de repente, talvez já não saibamos mais, sendo então necessário uma análise dos conceitos e preconceitos daquilo que pressupúnhamos saber como já sabido. Isso pode dar-se também quando uma doença grave nos acomete, sendo então necessário dar um novo sentido tanto à doença quanto à saúde, enfim, à nossa própria vida. Compreendida dessa maneira, nossa vida sempre precisa retomar e reconquistar um sentido novo à medida que estamos incessantemente voltados para *possibilidades novas e concretas de ser e existir*.

Na passagem citada anteriormente, parece que Heidegger se utiliza apenas de uma metáfora para falar do saltar “para dentro do”, melhor, “no” pensamento. Ou seja, tal saltar – que é o saltar *no pensamento* – nunca é um saltar meramente extrínseco, figurativo, representativo, mas implica sempre e necessariamente uma radical provocação, que é a vocação do pensar. E é por isso que ele diz: “A pergunta ‘o que quer dizer pensar?’ não se deixa responder de maneira alguma pelo que é possível apresentar numa determinação conceitual *sobre* o pensar – quer dizer, numa definição – ou que diligentemente ampliemos seu conteúdo”. Pois, ao saltar no pensamento, é preciso abrir mão de tudo que nos impede,

bloqueia, obstrui, impossibilita saltar, a fim de *recuperar e reconquistar a verdadeira e essencial força da vida em que cotidianamente já nos movemos e agimos a todo instante*⁸.

Todavia, atenhamo-nos um pouco mais ao exemplo de Heidegger. Ele diz que, para saber o que quer dizer nadar, necessário se faz saltar no rio. Portanto, para saber o que quer dizer pensar é necessário saltar para dentro de quê? Para saber o que quer dizer pensar não é necessário saltar para lugar algum, caso se considere que neste saltar se passa apenas de um lugar para outro. Decerto, já estamos sempre num lugar e numa ocupação determinados, mas não é tão certo que, para os ocuparmos realmente, precisemos deles sair. Muito pelo contrário! Quanto mais neles estamos, mais nítido e decisivo vai ficando se estamos ou não *no lugar*, isto é, *no topos*, *no pathos*, isto é, *na força* de realização com o que nos ocupamos.

Um exemplo para tornar isso visível e apreensível reside na música. O músico enquanto músico sabe perfeitamente quando está afinado e quando não. Sabe se está ou não *no elemento* da música. Mas de onde lhe advém tal saber? Dizemos: provém *da ocupação com a música, estando já no mundo da música*⁹. De fato, sendo a música uma das ocupações humanas das mais privilegiadas, em que não só é possível como se faz até mesmo necessário diferenciar, por exemplo, afinado de desafinado para que música se dê como música, é por esta razão que o exemplo do saltar para dentro da correnteza do rio não deve ser tomado como mera imagem, como metáfora ou como figura de linguagem. A questão toda reside unicamente nisso: *ser ou não ser no elemento!* Não há meio termo!

Filosofar como interessar-se

⁸. Algumas passagens que não só ilustram, mas fundamentalmente ajudam a compreender a necessidade vital de o ser humano sempre necessitar recuperar e reconquistar a si mesmo enquanto ente a caminho, isto é, enquanto *homo viator*: “Sempre a caminho, nunca estamos no destino” (“*Semper in via sumus, nunquam in patria*”), dá a entender que caminho e caminhante só são concretos à medida que ambos concrestem, isto é, caminham conjuntamente para o mesmo fim (Santo Agostinho); “O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta; o que pode amar-se, no homem, é ser uma *transição* e um *ocaso*” (Friedrich Nietzsche, *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*, 6. ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989, prólogo n. 4, p. 31); “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão” (João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991, p. 21).

⁹. Cf. Marcia Sá Cavalcante Schuback, *O começo de deus*, Petrópolis, Vozes, 1998, p. 174-181 e 196-207.

Para entender melhor o que vínhamos dizendo, vejamos o que Heidegger pensa a respeito de *inter-esse*. Numa passagem de *O que quer dizer pensar?*, ele escreve:

“*Inter-esse* quer dizer: ser sob, entre e no meio das coisas; estar numa coisa de permeio e junto dela assim persistir. Para o interesse atual, porém, vale só o interessante. O interessante faz com que, no instante seguinte, já estejamos indiferentes e mesmo dispersos em alguma outra coisa que, por sua vez, tampouco nos diz respeito quanto a anterior. Hoje, acredita-se freqüentemente dignificar algo achando-o interessante. Na verdade, com um tal juízo, subestimamos o interessante levando-o para o domínio do indiferente e assim o empurramos para o âmbito daquilo que logo se tornará tedioso”¹⁰.

Segundo a língua latina, *inter-esse* é uma palavra composta e diz, literalmente, *ser e estar (esse)* no meio de (*inter*). Estranho é que em todo e qualquer modo de lidar e ocupar-se o verbo *ser* já está sempre pressuposto¹¹. Assim, por exemplo, *no* nadar se é nadador, *no* pescar se é pescador, *no* filosofar se é filósofo, *no* pensar se é pensador. Ser é já sempre ser a partir de uma situação real, digamos mesmo, a partir de uma situação concreta. É como se em cada nova situação nascêssemos! É como se nós em cada nova situação crescêssemos! É por isso que Pascal afirma que, em tudo que dizemos, já precisamos contar com o verbo *ser*, mesmo que isso nem sempre se dê de modo temático ou explícito¹². Assim, ao dizer que é impossível definir a palavra *ser* sem que se empregue a palavra “é” e, com isso, a ação já sempre nela implicada, Pascal percebe que o verbo *ser* é o *verbo dos verbos*, ou seja, o verbo que motiva e acompanha o sentido ou a direção de toda e qualquer ação. Ou seja, o verbo *ser* expressa já sempre uma máxima universalidade que tudo define. Estranha e justamente por

¹⁰. Martin Heidegger, *Was heißt denken?*, Tübingen, Max Niemeyer, 1954, p. 2. Cf. a mesma passagem na conferência “O que quer dizer pensar?”, de 1952, no livro *Ensaio e conferências*, 4. ed., Bragança Paulista: Edusf, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 113.

¹¹. Numa das notas de rodapé de *Ser e tempo*, Heidegger recorda uma passagem de *Pensées et Opuscles*, de Pascal, segundo a qual, “não se pode tentar definir o ser sem cair no seguinte absurdo: pois não se pode definir uma palavra sem começar por – é –, quer se a exprima, quer se a subentenda. Portanto, para definir o ser seria preciso dizer é, e assim empregar a palavra definida na definição” (cf. Martin Heidegger, *Ser e tempo*, Petrópolis, Vozes, 1988, § 1, p. 29).

¹². Cf. aqui Marcia Sá Cavalcante Schuback, *O começo de deus*, Petrópolis, Vozes, 1998, p. 13-14, onde a filósofa descreve *isso*, isto é, *de o ser já ser sempre antecipadamente*, como o “caráter ‘absurdamente’ fugidio de ser”.

isso mesmo, porém, acabamos de passar por cima *daquilo* que sempre já está presente e pressuposto, embora retraído ou em retração.

Como entender isso? Será que essa retração do ser em todas as definições não seria peculiar e próprio à sua natureza? Se for assim, então, deve-se compreendê-lo desde sua peculiaridade constitutiva de, tudo definindo, também permitir que passe por indefinido? Ou seja, de também permitir que, tudo mostrando, retrair-se ou, num nível ainda mais estranho, dissimular-se? Parece, então, que aquilo a que chamamos *ser* possua uma estranha força pela qual, em tudo que se diz e define, estar já sempre em contínua retração.

Entretanto, falávamos de *inter-esse*! Voltemos a esta palavra novamente! O que pode ela dizer a nós que buscamos vislumbrar uma introdução à filosofia via pensamento heideggeriano? Ora, *inter-esse* pode nos dizer algo como: enquanto pensador, Heidegger está *num* afã de ser, de ser pensador. Este afã não diz respeito a um mero ocupar-se entre outras possibilidades, como se ao lado de determinada ocupação houvessem outras possibilidades de ocupação. A filosofia enquanto pensar é, para ele, enquanto *inter-esse*, *a ocupação das ocupações*. Não é, então, apenas uma ocupação ao lado de outras tantas possíveis, mas *a ocupação essencial e orientadora* e, por isso mesmo, vital e necessária. Sua vida se tece e acontece desde, na e a partir desta ocupação chamada pensar. Esta ocupação passa a ser, de fato, a referência realizadora de sua vida. Heidegger está nisso, ou seja, nesse elemento que é o pensar. Ele mora ali e ali permanece¹³.

Neste sentido, *inter-esse* diz respeito a um impulso, a uma saudade, a uma necessidade inalienável de ter de ser e fazer, uma força que busca determinação de ser sob um modo bem concreto de ser, qual seja: pensar. Trata-se, na verdade, de um *inter-esse* vital! Mas notemos bem: tudo isso que parece ser uma coisa muito simples, exige muitíssima atenção e empenho. Implica em ser um *à-toa* muito ativo! Também não se dá de uma vez por todas. *Inter-esse*

¹³. Heidegger procura apontar e resgatar o sentido filosófico fundamental de certas anedotas que remontam ao início da experiência do pensar ocidental: “De Heráclito se contam umas palavras, ditas por ele a um grupo de estranhos que desejavam visitá-lo. Ao aproximarem-se, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Detiveram-se surpresos, sobretudo porque Heráclito ainda os encorajou – a eles que hesitavam –, fazendo-os entrar com as palavras: ‘pois também aqui deuses estão presentes’” (cf. Martin Heidegger, *Sobre o humanismo*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967, p. 86 e Martin Heidegger, *Heraclito. A origem dopensamento ocidental. Lógica. A Doutrina heraclitiana do lógos*. Relume Dumará, 1998, p. 22s).

vital é o empenho *de toda a vida*, tornando-se este empenho *toda a vitalidade do inter-esse*, isto é, tendo estrutura de *in-stante* (= *sendo ou estando plena e originariamente em*). Com efeito, vitalidade do interesse é *ser já sempre dentro* de uma possibilidade concreta, isto é, trata-se de um *pathos* no qual nasço, cresço e morro a cada vez de maneira íntegra e singular. Sem esta possibilidade concreta o interesse nada seria, isto é, não seria inter-esse. Por isso, Heidegger mesmo adverte, na passagem citada, para o interessante e, por apresentar-se assim, no momento seguinte já tende a transformar-se numa ocupação completamente diferente, menos o que era e o que poderia ser na perspectiva de intensificação de um modo possível de ser enquanto pensar. Também, sem uma possibilidade determinada e concreta, a vida não seria vida, porque a vida sempre se dá *numa possibilidade de ser* – e isso radicalmente em toda e qualquer possibilidade de ser.

Filosofar enquanto filosofar

Entretanto, o que dizer da filosofia propriamente? Como em toda e qualquer ação, como em todo e qualquer ofício, faz-se, fazendo, sabe-se, sabendo, caminha-se, caminhando. Na filosofia, não é diferente: filosofa-se, filosofando! Não tem como fazer ou saber de fora ou a partir de fora. *De fato, filosofia vem a constituir-se enquanto filo-sofia!* Mas para isso, é preciso já estar, é preciso já ser no *inter-esse*, no modo de seguir os vestígios daquilo com o que se ocupa. Assim, ao falarmos com o que a filosofia se ocupa, estamos falando que tanto o objeto (a coisa) como o modo (o método) se copertencem. Ou seja, *filosoficamente*, a coisa a ser investigada já traz consigo o modo de acesso à coisa buscada. Em termos de busca, filosofia e método filosófico perfazem e constituem um só e mesmo movimento.

De fato, *filo-sofia é uma radical e essencial amizade ou paixão pelo saber!* Mas uma paixão só é radical e essencial quando se move e se deixa comover a partir de determinado inter-esse, que é o de já ser sempre *na e desde* filo-sofia, melhor, *na e desde* a coisa mesma que está em questão. Tudo o que desvia, tudo o que embota e encobre esta paixão interessada nada tem a ver com filosofia, podendo ser, ao contrário, uma paixão não sincera, desinteressada e até mesmo indiferente em relação àquilo com o que a filosofia se ocupa e preocupa.

Pelo que foi dito até aqui, deve-se compreender, então, que a filosofia não se deixa aprender a partir de outra coisa que não ela mesma. Para entender isso ainda melhor, recorramos a outro texto de Heidegger. Vejamos como ele se expressa a respeito numa passagem no início de *Os conceitos fundamentais da metafísica*:

“O dado negativo diz: a filosofia não se deixa conceber e determinar por sobre desvios, e como algo diverso de si mesma. Ela exige que não lancemos o olhar *para longe* dela, mas que a conquistemos a partir dela mesma. Ela mesma – o que sabemos afinal dela mesma? O que e como ela é, afinal? Ela mesma só é quando filosofamos. *Filosofia é filosofar*. Esta parece ser uma péssima formulação. No entanto, por mais que aparentemente só estejamos repetindo o mesmo, o essencial está contido nessa expressão. A *direção* na qual temos de procurar está apontada; tanto quanto a direção na qual a metafísica se evade de nós. A metafísica enquanto filosofar, enquanto nosso agir próprio, humano. Como e para onde a metafísica, enquanto nosso agir próprio, enquanto nosso agir humano, pode se evadir de nós? Como e para onde, se nós mesmos somos os homens? Mas sabemos, afinal, o que nós mesmos somos? O que é o homem? O coroamento da criação ou um caminho extraviado, um grande mal-entendido e um abismo? Se sabemos tão pouco sobre o homem, como é que nossa essência não seria estranha para nós? Como é que o filosofar, enquanto um agir humano, não haveria de permanecer encoberto no obscuro dessa essência? A filosofia – assim o sabemos ao menos superficialmente – não é nenhuma ocupação qualquer, com a qual, segundo o nosso humor, passamos o tempo; nenhum mero acúmulo de conhecimento, que facilmente alcançamos a qualquer hora e a partir dos livros. Ao contrário, apesar de só o sabermos obscuramente, ela é algo que, em sua totalidade e em seu ponto mais extremo, dá lugar ao acontecimento de uma expressão e de um diálogo derradeiros do homem.”¹⁴

Pela descrição feita aqui pelo filósofo de Messkirch, a frase “filosofia é filosofar” parece expressar uma tautologia oca e vazia ou um mero truísmo sem mais e por si mesmo evidente. No entanto, por quê? Esta frase não diz respeito a um círculo vicioso onde se tivesse perdido completamente o sentido, isto é, a direção e a orientação do *pathos* comovedor e promovedor disso que é aí evocado. Afinal, o que é então aí evocado? É evocado aí o “é” em sua forma de constituição *essencial*, isto é, onde a ação, a ocupação corresponde ao *o que e como “é”*. No caso, a ação, a ocupação se chama filosofia, sendo necessário, portanto, que, para ser o que é, se determine a partir de si mesma. É somente

¹⁴. Martin Heidegger, *Os conceitos fundamentais da metafísica*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003, p. 5-6; cf. também Martin Heidegger, *Que é isto – a filosofia?* São Paulo, Duas Cidades, 1971.

neste sentido que se pode e deve dizer que a filosofia só se deixa determinar como e a partir disso que ela própria “é”, e não de fora, como se fosse uma ação, uma ocupação alienada e arredada de si mesma. É nessa medida que a frase “filosofia é filosofar” é a evocação de um chamado a corresponder devidamente ao modo de ser de um ente bem determinado: *o próprio homem*. E isto significa: “filosofia é filosofar” enquanto convocação de pensar o modo de ser fundamental de um ente, o modo de ser de um ente já sempre essencialmente *inter-essado*, e isso tão radicalmente mesmo que tal ente não desperte para a filosofia enquanto tal!¹⁵

É por isso que, num estudo sobre Kant do final dos anos 20, Heidegger vê *no homem* o problema central da filosofia. Diante das célebres perguntas kantianas: “Que posso saber?” (*Was kann ich wissen?*), “Que devo fazer?” (*Was soll ich tun?*), “Que me é permitido esperar?” (*Was darf ich hoffen?*), Heidegger enfatiza que a pergunta que sintetiza estas três perguntas e o próprio pensamento kantiano é a seguinte: “O que é o homem?” (*Was ist der Mensch?*). Vejamos isso através de uma passagem do § 37 do livro *Kant e o problema da metafísica*:

“Todavia, se, de certo modo, a antropologia concentra em si todos os problemas centrais da filosofia, por que podem reduzir-se todos eles à pergunta acerca do que é o próprio homem? Podem reduzir-se tão-somente quando ocorre fazer semelhante coisa ou, pelo contrário, devem ser reduzidos a esta pergunta? E se devem sê-lo, onde está a razão desta necessidade? Talvez esteja no fato de os problemas centrais da filosofia surgirem do homem, não somente no sentido de ser ele quem os estabelece, mas porque seu conteúdo intrínseco se refira ao homem? Até que ponto têm todos os problemas filosóficos centrais seu lugar natural na essência do homem? Quais são, enfim, os problemas centrais e onde está seu centro? O que quer dizer filosofar, de maneira tal que sua problemática tenha seu centro natural na essência do homem?”¹⁶

¹⁵. Cf. Martin Heidegger, *Introdução à filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2008, particularmente do § 1 ao § 4, p. 1-12, parte que compreende a “Introdução: A tarefa de uma introdução à filosofia”. Esta obra reúne os registros de um curso ministrado pelo filósofo em 1928-29, na Universidade de Friburgo, ou seja, logo depois da publicação de *Ser e tempo* em 1927.

¹⁶. Martin Heidegger, *Kant und das Problem der Metaphysik*, 4. ed. ampliada, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1973, p. 206. (Tradução nossa.) Seguindo as edições alemãs, cf. também Martin Heidegger, *Die Grundprobleme der Phänomenologie*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1975, p. 10-11 e Martin Heidegger, *Die Grundbegriffe der Metaphysik. Welt, Endlichkeit, Einsamkeit*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1992, p. 5-10.

No intuito de não deixar que as perguntas desta citação acabem soando num vazio sem mais, é preciso considerar o lugar de onde estas perguntas provêm. Então, de onde provêm? Do âmbito em que Heidegger discute com Kant a essência e a natureza da própria atividade filosófica. Ou seja, a atividade filosófica, justamente por não ser uma ocupação desinteressada ou alienada, há de considerar em primeiro lugar o fato de sermos nós mesmos os próprios implicados nesta atividade, isto é, que ao filosofar, nós já estamos de algum modo definindo tanto o que compreendemos por filosofia como o que compreendemos acerca de nós mesmos. Está em jogo nesta discussão uma antropologia num sentido originário, isto é, *discute-se aí a condição de possibilidade de o homem compreender a si mesmo*¹⁷. E isso quer dizer que, toda vez que o homem busca ocupar-se com aquilo que se chama filosofia, busca, em primeiro lugar, fazer uma reflexão a respeito de si mesmo.

Considerações finais

Pelo que vimos ao longo dessa reflexão, a filosofia deve ser vista e entendida como pensamento. De fato, na filosofia enquanto pensamento só se entra *num* salto¹⁸. No rio não se entra aos poucos! Curiosa e estranhamente: nós somos ou existimos no fluxo da vida! Assim, saltando é que o próprio pensamento se instaura. E instaurando-se, é possível ater-se unicamente ao que vem ao caso: o a-ser-pensado (*das Zudenkende*), como entende Heidegger. Um salto na filosofia, portanto, implica num salto *no próprio pensamento*, um salto com impulso devido para alçar-se à dimensão própria, à ambiência e à estância de um pensar

¹⁷. Cf. Marcia Sá Cavalcante Schuback, *O começo de deus*, Petrópolis, Vozes, 1998, p. 30-31.

¹⁸. Na perspectiva da reflexão tecida aqui, valeria a pena ler e analisar fenomenologicamente o poema “Cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto, especialmente a partir do trecho:

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.

essencial e vigoroso daquilo que sempre de novo resta a ser pensado, isto é, a nossa própria condição e situação de ser, nossa própria existência humana.

Como é isso possível? Isso já não dá para responder sem mais ou de fora. É preciso fazer, é preciso saltar, é preciso interessar-se, é preciso filosofar, enfim, é preciso pensar por nós mesmos. Em todo e qualquer ato de pensar não negamos, mas assumimos *nossa própria situação de ser*, digamos mesmo, *nossa própria condição de ser* com toda a sua limitação e finitude, fazendo deste lugar o lugar próprio, o caminho, isto é, o chão, a morada, a estância, a ambiência que nos é dada, aqui e agora, no que somos e como somos. Para isso é antes de tudo necessário um passo para trás, um recuo, um *distanciamento próprio de modo a ser originariamente apropriador daquilo de que se quer apropriar*.

Assumir a vida desde o horizonte do pensar é viver absolutamente interessado porque só pode e até precisa repetir gênese de *inter-esse*. Ora, tal modo de viver é existir. Porquanto existir nunca é algo feito, pronto, acabado. Ao contrário, implica sempre num afazer, pois “existir é lutar pela origem”¹⁹, isto é, significa sempre de novo conquistar minha própria condição de ser sob um novo modo de ser possível. Nesse sentido, podemos ler de Heidegger em *Introdução à metafísica*, passagem a partir da qual epigrafamos a presente reflexão:

“Sem dúvida, o abandono do comum e corrente e o retorno à interpretação, que se põe a si mesma em questão, é um salto. Ora, saltar só pode quem toma o impulso devido. É nesse impulso que tudo se decide. Pois ele significa que voltamos realmente a investigar, de fato, as questões.”²⁰

Um dos pressupostos elementares nas análises heideggerianas consiste em encontrar a forma fenomenal originária, a originalidade fenomenal e, assim – pensa Heidegger –, qualquer fenômeno deve ser visto e compreendido de onde emerge e para onde retorna. Com efeito, uma análise fenomenal que não tiver a orientação adequada pode encaminhar-se inadequadamente, pode desviar-se do essencial. Um modo possível de descaminho consiste em cometer equívocos ou, então, analisar fenômenos colaterais ou pseudofenômenos como sendo genuínos. Está em jogo, em qualquer investigação fenomenológica e em todos os

¹⁹. Marcia Cavalcante Schuback, *No silêncio do homem*, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1995, p. 27.

²⁰. Martin Heidegger, *Introdução à metafísica*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, p. 197.

passos que se fizerem necessários percorrer no afã filosofante, dar um passo “para trás”, um passo em direção à origem do fenômeno, o que só é possível mediante um salto a cada vez.

Referências

- CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. *Aprendendo a pensar*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *Introdução à metafísica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- _____. *Os conceitos fundamentais da metafísica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. *Was heißt denken?* Tübingen: Max Niemeyer, 1954.
- _____. *Kant und das Problem der Metaphysik*. 4. ed. ampliada. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1973.